

Este Mundo e o Reino de Deus*

Greg L. Bahnsen, Th.M., Ph.D.

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto[†]

Quase todos os crentes Reformados mantêm que o reino de Jesus Cristo é (no mínimo) uma questão de Cristo reinando espiritualmente dentro do coração daqueles que são cristãos. O *Catecismo Maior de Westminster* ensina que Cristo executa o ofício de rei, entre outras coisas, “dando a graça salvadora aos seus eleitos” (Q. 45), ou para usar a linguagem da Escritura: “Deus com a sua destra o elevou a Príncipe e Salvador, para dar a Israel o arrependimento e a remissão dos pecados” (Atos 5:31).

O reino interior e espiritual de Cristo como Salvador e Senhor não deve ser ignorado ou minimizado em importância. Uma pessoa não pode entrar no reino de Deus à parte do renascimento espiritual: “Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus” (João 3:3). Aqueles que são redimidos já foram transferidos para o reino do Filho amado de Deus (Colossenses 1:13) e como tal percebem que “o reino de Deus é... justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo” (Romanos 14:17). Os pós-milenistas sempre afirmaram essa doutrina fundamental: que o reino de Deus é uma realidade interior e espiritual. Por exemplo, J. Marcellus Kik interpretou os “tronos” de Apocalipse 20:4 dessa forma: “Os tronos representam o domínio espiritual dos santos sobre eles mesmos e sobre o mundo. Mediante a graça de Cristo eles reinam em vida sobre a carne, o mundo e o diabo” (*An Eschatology of Victory*, 1971, p. 210).

O Reino é Meramente Interior?

Sem diminuir em nenhum sentido a tremenda verdade bíblica que o reino de Deus é um reino interior e espiritual de Cristo dentro dos nossos corações, podemos continuar e perguntar se essa perspectiva expressa completamente tudo o que a Palavra de Deus nos revela sobre a natureza do reino de Deus. É correto dizer que o reino de Cristo se estende além do coração do crente? Cristo reina de alguma forma externa, visível e neste mundo?

Os amilenistas são categoricamente hesitantes em afirmar que o reino presente do Messias é visível e deste mundo. Alguns exemplos mostrarão ser essa a

* Publicado originalmente em *The Reconstruction Report*, II (Jan. 1982).

† E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em outubro/2008.

regra geral entre os escritores amilenistas. Geerhardus Vos ensinou que o outro mundo deveria ser “a atitude dominante da mente cristã” (*The Pauline Eschatology*, 1930, p. 363). Quando pensamos no reino de Cristo antes do Seu retorno em glória, os amilenistas desejam que não pensemos em nenhuma “bem-aventurança terrena” (W. J. Grier, *The Momentous Event*, 1945, p. 16) ou no “sucesso altamente visível de Cristo através da igreja na vida terrena e instituições” (Lewis Neilson, *Waiting for His Coming* 1975, p. 346). Os principais escritores amilenistas explicam que eles “opõem-se ao tipo de milênio ensinado pelo pós-milenista” (William E. Cox, *Amillennialism Today*, 1966, p. 2). Como assim? Cox nos diz que durante “a era presente da igreja... Jesus Cristo reina no coração dos seus santos” (p. 65), e Meredith G. Kline insiste que a realidade presente é “o reino invisível do Senhor sobre o trono teocrático de Davi no céu” (*Westminster Theological Journal* XLI, 1978, p. 180.) Visto que o pós-milenista não nega sequer por um segundo que Cristo reina presentemente no coração dos seus santos a partir de um trono invisível no céu, qual ponto de vista *distintivo* está sendo alegado por esses mestres amilenistas?

Quando alguém lê autores como Cox, Kline, Neilson e outros, torna-se óbvio que os que eles rejeitam nos escritores pós-milenistas é a inclusão do aspecto externo, visível e deste mundo dentro do escopo do reino de Deus nesta era. A direção do pensamento deles, como indicado no que Vos disse acima, é quase exclusivamente de “outro mundo” ou celestial. Isso está claramente manifesto no livro recente de Walter J. Chantry, *God's Righteous Kingdom* (1980). Chantry alega que os “cidadãos do reino são orientados ao outro mundo, não a essa terra presente” (p. 16). De fato, Chantry sustenta que Cristo pôs de lado os aspectos externos da religião do Antigo Testamento: “Em contraste, o reino de Cristo é interior” (p. 51), de forma que a “bem-aventurança material, social e externa não pode ser buscada num milênio, mas na consumação do reino na vinda do nosso Senhor” (p. 62). Embora o sr. Chantry tente qualificar suas considerações admitindo que o mundo material e externo não é inerentemente mau, o cerne de sua perspectiva teológica é revelada quando ele diz que a Queda significa que o homem “colocou os desejos animais acima da aspiração pelas realidades espirituais” (p. 20) e diz que “adoração e ganhar almas... são coisas de longe bem mais importantes que o mandato cultural” (p. 27). Chantry deixa a sua posição mui clara:

“... o reino de Deus está preocupado com as realidades eternas e espirituais. Ele tem a ver com um mundo presentemente invisível. Seu ponto focal é o homem interior... O evangelho do reino absorve completamente os homens no *eterno*, e não no *temporal*... O evangelho do reino absorve os homens no *espiritual*, e não no *material*” (pp. 15, 19, ênfase no original).

Se homens como Chantry estivessem apenas indicando quais deveriam ser as nossas prioridades, se estivessem somente nos lembrando que a regeneração interna é um pré-requisito para a obediência externa em todas as áreas da vida, se estivessem simplesmente apontando para a natureza provisória e limitada da

benção do reino hoje em contraste ao reino eterno e consumado de Deus, então haveria pouca disputa. Mas a crítica deles contra o pós-milenismo é prova concreta que muito mais está em jogo nas questões acima.

Os amilenistas alegam ou tendem a enfatizar exclusivamente a natureza invisível, interna e de outro mundo do reino de Deus como uma realidade espiritual. Nossa pergunta é se a Escritura – o padrão infalível para os nossos comprometimentos doutrinários – não tem algo a *mais* para dizer, além de que o reino de Deus é presentemente expresso no coração dos homens. O reino é meramente interior?

Algumas Distinções Necessárias

Antes de tentarmos uma resposta à nossa pergunta, deveríamos ser lembrados de algumas distinções teológicas que devem ser feitas. Primeiro, diferenciaremos o reino *providencial* de Deus (Seu reinado soberano sobre cada evento histórico, bom ou mau) do reino *Messiânico* de Deus (o governo divino que destrói o poder do mal e assegura a redenção dos eleitos de Deus). O governo providencial de Deus é indicado em Daniel 4:17, “o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens”, enquanto Daniel 7:13-14 refere-se ao reino redentor, moral e vitorioso do Filho do Homem messiânico: “um como o filho do homem; e dirigiu-se ao ancião de dias... e foi-lhe dado o domínio, e a honra, e o reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem”.

Uma segunda distinção que não deveria ser esquecida é a distinção entre “reino” e “igreja” na Bíblia. Essas duas palavras não têm precisamente o mesmo sentido ou significado; de outra forma, quando Atos 28:23 nos diz que Paulo estava testificando sobre o reino de Deus, poderíamos dizer também que Paulo estava testificando sobre a igreja – o que seria errôneo, dado o contexto da profecia do Antigo Testamento sobre a pessoa e obra de Jesus. E “reino” e “igreja” não se referem à mesma entidade, pois Mateus 13:38, 41 nos informa que o escopo do reino é o mundo, incluindo os malfeitores – o que não é verdade da igreja. Para ser preciso, deveríamos dizer que é o reino de Deus que cria a igreja, e que a igreja por sua vez vem com as “chaves do reino” (Mateus 16:18-19). Nenhuma das declarações seria verdadeira se não pudéssemos distinguir as duas entidades.

Uma terceira distinção necessária tem a ver com o reino Messiânico (que tem um escopo mais amplo que a igreja). Precisamos distinguir entre esse reino na fase de *antecipação* do Antigo Testamento (cf. Mateus 21:43, onde é dito ser ele tirado dos judeus), na presente fase da realização *estabelecida* (e.g., Mateus 12:28, onde Jesus declara que o reino de Deus “é chegado a vós”), e na fase da realização *consumada* no retorno de Cristo (e.g., Mateus 7:21-23, onde entrar no reino é contrastado com ser enviado para a condenação eterna; cf. 3:12).

O Reino de Cristo como sendo deste Mundo

Para recapitular, temos observado que é uma verdade fundacional que o reino de Jesus Cristo pertence ao reinado do Salvador dentro do coração do Seu povo – um reinado que se origina desde o trono celestial do Senhor. Nossa pergunta, para ser preciso agora, questiona se o reino messiânico de Jesus (em contraste com o Seu reino providencial, e se estendendo além do escopo da igreja) durante o período atual de seu estabelecimento (em contraste com sua antecipação no Antigo Testamento e em sua futura consumação nos novos céus e nova terra) é exclusivamente espiritual, de outro mundo, invisível e interior (como os amilenistas tendem a afirmar). Resumindo, nessa era presente o reino de Jesus Cristo é de outro mundo e restrito ao coração do homem? Ele é meramente interior?

Nossa resposta, se formos fiéis a todo o ensino bíblico sobre o assunto, deve ser um **NÃO** definitivo. O reinado de Cristo – Seu reino Messiânico – foi destinado a subjugar *todo* inimigo da justiça, assim que o Paraíso foi reconquistado para os homens caídos pelo Salvador. Como Isaac Watts expressou poeticamente isso: “Ele veio para fazer Suas bênçãos fluir, Onde quer que a maldição seja encontrada”. Todas as coisas tocadas pela culpa e poluição do pecado são objetos do triunfo do reino do Messias – todas as coisas. O reino de Cristo não traz somente perdão e um novo coração que ama a Deus; traz também obediência concreta a Deus em todos os caminhos da vida. Aquelas coisas que permanecem em oposição a Deus, Seus propósitos e o Seu caráter devem ser sobrepujadas pelo reinado dinâmico do Rei Messiânico. Os efeitos do domínio de Cristo são evidentes sobre a terra, entre as nações, e por toda a esfera da atividade humana.

Essa perspectiva todo-abrangente é apresentada pelo Apóstolo Paulo no primeiro capítulo de Colossenses, onde é revelado que *todas* as coisas foram criadas por Jesus Cristo (v. 16), que *todas* as coisas são restauradas por Sua palavra redentora (v. 20), e conseqüentemente que em *todas* as coisas Ele deve receber a preeminência (v. 18). Os seguidores de Cristo são exortados a “serem santos em toda a maneira de viver” (1 Pedro 1:15). Como Paulo coloca: “Portanto, quer comais quer bebais, ou façais outra qualquer coisa, fazei tudo para glória de Deus” (1Co. 10:31). O reinado de Cristo não é restrito a questões internas do coração – oração, meditação e piedade. Isso é somente o princípio. O reino de Deus “dá fruto” (veja Mateus 13:23; 21:43) tal que por meio da qualidade visível da vida de uma pessoa, o estado interior do seu coração pode ser discernido: “por seus frutos os conhecereis” (Mateus 7:16-21). Assim, então, mesmo comer e beber como atividades externas estão inclusas dentro do reinado do Messias. O reinado interior do Salvador deve tornar-se manifesto em justiça *pública*: o ouvir genuíno da Palavra, a religião verdadeira e a fé genuína são vistos no cumprimento fiel da lei, na ajuda externa aos oprimidos e no socorro prático dos aflitos (Tiago 1:22-2:26). Restringir

o reinado de Cristo a questões interiores é perder o contato com o caráter verdadeiro de submissão ao Rei.

Cristo não se contenta em ser Rei de um reinado parcial ou restrito. Ele demanda obediência em todas as coisas de nós, e Seu objetivo é subjugar toda resistência – de toda natureza (interna e externa) – ao Seu governo. Paulo ensina: “Porque convém que reine até que haja posto a todos os inimigos debaixo de seus pés”, concluindo com a derrota da própria morte na ressurreição geral (1Co. 15:25-26). Toda oposição, em todas as áreas, serão sobrepujadas pelo Rei. E à medida que acontecer, será um indicativo que o reino Messiânico está chegando. Cristo ensinou Seus discípulos a orar: “Venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim *na terra* como no céu” (Mt. 6:10). Essa oração é uma lembrança contínua a nós que a vinda do reino significa fazer a vontade de Deus, e que o reinado de Cristo (Seu reino) por meio da nossa obediência chega precisamente aqui sobre a terra. O reino de Cristo é inegavelmente *deste* mundo em seus efeitos e manifestação. Sem dúvida, o reino de Cristo não procede “deste mundo” (João 18:36), significando (como o final do versículo interpreta a questão para nós) que a *fonte* do reinado de Cristo “não é daqui”. Todavia, Seu reinado, como se originando do próprio Deus, pertence a este mundo presente. O Salvador ressurreto e vitorioso disse de Si mesmo: “É-me dado todo o poder no céu e *na terra*” (Mt. 28:18).

Devemos admitir, portanto, que o reino de Cristo não é meramente interno e de outro mundo. Ele tem expressão *externa sobre a terra* no tempo *presente* “O reino de Deus e a Sua justiça” faz provisão para cada detalhe da vida (Mt. 6:31-33). Ele, como Paulo ensina, “para tudo é proveitoso, tendo a promessa da vida presente e da que há de vir” (1 Timóteo 4:8). Numa famosa parábola do reino, Cristo explica com autoridade que o campo (o reino) é *o mundo* (Mt. 13:38). Na perspectiva da Escritura, o reino de sacerdotes redimidos de Deus – a igreja (1 Pedro 2:9) – no presente “reina sobre a terra” (Apocalipse 5:9). Nossa confiança, chamado e prospecto está encapsulado no cântico maravilhoso, que “os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre” (Apocalipse 11:15). O reino Messiânico deve ser visto, então, como externo, visível e deste mundo – não meramente como interno no coração do homem, e sendo de outro mundo.

Fonte: *The Reduction of Christianity*, Gary DeMar e Peter J. Leithart, American Vision, Apêndice D.